

5.

Platão, os fragmentos do rio e a tese heraclítica do fluxo

5.1

O Teeteto e as tese atribuídas a Heráclito

Ao examinar, no terceiro capítulo deste trabalho, a primeira enunciação da doutrina secreta no *Teeteto* (152d), sustentei que, ali, quatro teses genuinamente heraclíticas estavam sendo mencionadas: a tese da unidade dos opostos, a tese da retidão natural dos nomes, a tese do fogo como princípio universal, e a tese do fluxo universal. Naquela seção, tratei de mostrar brevemente como a tese da retidão natural dos nomes, de um lado, remonta aos escritos de Heráclito e, de outro, é distorcida por Crátilo. Além disso, argumentei que, ao vincular essa tese a Heráclito no contexto da exposição da doutrina secreta (especialmente em associação com a tese de que “nenhuma coisa é uma em si mesma”), Platão não estava fazendo uma atribuição inapropriada, do ponto de vista histórico, a Heráclito.

Também fiz, àquela altura, uma remissão ao primeiro capítulo desta tese, onde ficou evidente a presença freqüente e significativa, nos fragmentos heraclíticos, da doutrina do fogo como princípio universal. No caso do vínculo estabelecido no *Teeteto* entre a tese do fogo e a doutrina secreta (e, por conseguinte, a Heráclito), sustentei que Platão estava atribuindo a Heráclito mais uma tese que efetivamente fazia parte da filosofia heraclítica. No terceiro capítulo, entretanto, não tratei da presença da tese da unidade dos opostos nos escritos de

Heráclito, nem tampouco do problema da origem da tese heraclítica do fluxo universal.

Que a tese da unidade dos opostos remonta de fato aos escritos heraclíticos é uma opinião unânime entre os estudiosos de Heráclito. Ainda que os diversos comentadores apresentem interpretações variadas e muitas vezes discordantes dos fragmentos heraclíticos em que figura a doutrina da unidade dos opostos, todos concordam que se trata de uma tese legítima e importantíssima de Heráclito, atestada por uma enorme quantidade de fragmentos. De fato, se formos listar os fragmentos heraclíticos que apresentam exemplos claros da tese da unidade dos opostos, veremos que mais de 20 serão os enunciados arrolados.¹ Portanto, mesmo que um ou outro desses fragmentos tenha sua autenticidade contestada, isso não afeta a certeza de que essa tese faz parte da doutrina heraclítica e de que a atribuição que Platão faz dela a Heráclito é historicamente correta.

Porém, o caso da teoria do fluxo é inteiramente diferente. Como vimos na introdução deste trabalho, muitos estudiosos modernos negam que Heráclito tenha formulado uma doutrina do fluxo universal e crêem que foram Platão e Aristóteles os propagadores da idéia de que Heráclito seria o autor dessa doutrina. No terceiro capítulo, examinei o modo como Platão interpretou e usou a teoria do fluxo na primeira parte do *Teeteto*, mas deixei em aberto a questão sobre se a doutrina do fluxo universal tem ou não sua origem nos escritos de Heráclito. Neste capítulo, então, investigarei se a tese do fluxo universal foi atribuída a Heráclito com razão, verificando se a leitura platônica, no que diz respeito a essa tese, remonta aos próprios escritos do Efésio. Buscarei mostrar que, se tudo indica que Heráclito sustentou de fato uma doutrina do fluxo universal, sua defesa não foi a de um fluxo extremado, e sim a de um fluxo moderado, com medida, ordem, padrão.

¹ Exemplos claros da presença da tese da unidade dos opostos em Heráclito: fragmentos 8, 10, 23, 48, 50, 51, 53, 54, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 76, 80, 82, 83, 84a, 88, 103, 111, 126.

5.2

O suposto erro de Platão

Tanto quem aceita quanto quem recusa a existência de uma tese do fluxo universal em Heráclito baseia seus argumentos sobretudo no exame dos célebres fragmentos do rio. São três os fragmentos do rio (12, 49a e 91), e no caso de dois deles (49a e 91) há mais de uma versão. O fragmento 12, citado por Ário Dídimo e conservado por Eusébio (*Preparação Evangélica*, XV, 20, 2), diz: “Aos que entram nos mesmos rios afluem outras e outras águas; e as almas exalam do úmido” (*potamoísi toísin autoísin embainousin hétera kai hétera hýdata epirreí·kai psychai dè apò tôn hydrôn anathymióntai*).² O fragmento 49a aparece na edição de Diels e Kranz na versão citada por um Heráclito conhecido como “Heraclitus Homericus” (*Alegorias*, 24), mas também foi citado por Sêneca (*Epistulae Morales*, 58, 23) numa outra versão. O fragmento 49a, tal como figura em Diels e Kraz, diz: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (*potamoís toís autoís embainomén te kai ouk embainomen, eímén te kai ouk eímen*).³ Já o fragmento 91 aparece na edição de Diels e Kranz na versão citada por Plutarco (*De E apud Delphos*, 392b), mas também foi citado, em versões um pouco diferentes, por Platão (*Crátilo*, 402a) e por Aristóteles (*Metafísica*, 1010a 12). O fragmento 91, tal como figura em Diels e Kranz, diz: “Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” (*potamoí ouk éstin embênai dís toí autoí*).⁴

Há muita discussão e desacordo no que diz respeito a quantos dos fragmentos do rio remontam ao próprio Heráclito. Alguns estudiosos acreditam que os três fragmentos são autenticamente heraclíticos, alguns acreditam que

² Fragmento 12: ποταμοίσι τοίσις αὐτοίσις ἐμβαίνουσιν ἕτερα καὶ ἕτερα ὕδατα ἐπιρρεῖ: καὶ ψυχὰι δὲ ἀπὸ τῶν ὑγρῶν ἀναθυμίωνται. Alexandre Costa traduziu o termo *psychai*, neste fragmento, por “vapores”. Alterei aqui a tradução para “almas”, pelo fato de que a noção grega de alma abarca os sentidos de sopro ou vapor, e pode se referir a ambos, sem perder necessariamente sua conhecida polifonia; o inverso, no entanto, não ocorre.

³ Fragmento 49a: ποταμοίς τοίς αὐτοίς ἐμβαίνομέν τε καὶ οὐκ ἐμβαίνομεν, εἰμέν τε καὶ οὐκ εἶμεν.

⁴ Fragmento 91: ποταμῶ οὐκ ἔστιν ἐμβῆναι δὶς τῷ αὐτῷ.

apenas dois são autênticos e outros ainda pensam que só um deles é um enunciado original.⁵ Vou mostrar, primeiro, como alguns autores alegam não haver, na totalidade dos fragmentos heraclíticos autênticos, e por conseguinte na filosofia de Heráclito, nada próximo de uma doutrina do fluxo universal. Em seguida vou apresentar, de forma resumida, algumas das posições contrárias à autenticidade de determinadas compreensões e reproduções da imagem heraclítica do rio.⁶ Finalmente, vou apresentar alguns argumentos em defesa da autenticidade do fragmento 91, bem como um exame da interpretação platônica do pensamento de Heráclito acerca do fluxo e da mudança.

Desde a Antiguidade, o fragmento 91, que diz que “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio”, é o mais célebre entre todos os ditos atribuídos a Heráclito. Ainda assim, muitos críticos (entre os quais me referirei principalmente a Kirk) negaram que Heráclito fosse o seu autor. Esses críticos argumentam de maneiras diversas, mas coincidem na razão que consideram ser a mais forte para a rejeição: de acordo com eles, o fragmento 91 implica a doutrina chamada por Platão, por sua própria conta, de *pánta choreî* ou *pánta reî*, ou seja, a doutrina do fluxo *irrestrito e ininterrupto* de todas as coisas, que é incompatível com a concepção básica de Heráclito da identidade e da medida na mudança. Alguns deles argumentam, então, que o fragmento 91 foi uma construção erroneamente derivada do fragmento 12 ou dos fragmentos 12 e 49a, dependendo da autenticidade por cada um atribuída a esses dois outros fragmentos do rio.

⁵ Por exemplo, F. Schleiermacher, I. Bywater, E. Zeller, W. Nestle, H. Diels, W. Kranz, G. Calogero, R. Mondolfo, W. K. C. Guthrie, J. Bollack, H. Wismann, G. Colli e M. Conche, entre outros, aceitam os três fragmentos. K. Reinhardt e T. M. Robinson aceitam os fragmentos 12 e 49a; G. Vlastos, 91 e 49a; C. H. Kahn e L. Tarán, 91 e 12; O. Gigon, G. S. Kirk e M. Marcovich, somente o 12.

⁶ Nesta abordagem do debate sobre a autenticidade dos fragmentos do rio, usei muito os seguintes textos: G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 366-384; G. S. Kirk, J. E. Raven & M. Schofield, *The Presocratic Philosophers* (Cambridge, Cambridge University, 1984 [1957]), p. 193-197; C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 166-169 e 339 n. 431; Leonardo Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications”, *Elenchos* (Bibliopolis, vol. XX, n. 1, 1999), p. 9-52; e Irley Franco, “A Realidade do Mundo Físico na Filosofia de Platão”, *O Que nos Faz Pensar* (Departamento de Filosofia da Puc-Rio, n. 11, 1997), p. 87-130.

Para Reinhardt, Kirk e Marcovich,⁷ foi Platão (cuja versão do fragmento 91 é a mais antiga entre as três existentes) quem formulou essa sentença, propagando-a pela primeira vez. Ela aparece no *Crátilo* (402a), onde é dito: “Heráclito, eu creio, diz que tudo flui e nada permanece, e, comparando o que é à corrente de um rio, conclui que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”.⁸ Segundo esses críticos, a formulação platônica da imagem do rio implicaria que o heraclítico Crátilo estava correto, pois cada coisa na natureza se assemelharia ao rio, que nunca seria o mesmo em momentos sucessivos. Platão, tanto no *Crátilo* quanto no *Teeteto*, mostraria que viu Heráclito e os heraclíticos como os principais defensores da idéia de que todas as coisas estão em fluxo constante, como rios. A imagem platônica do rio, então, teria sido criada para enfatizar a absoluta continuidade da mudança, assim como a absoluta ausência de estabilidade e identidade em cada coisa individual.

Aristóteles teria aceitado a interpretação platônica do fluxo heraclítico e, baseando-se na sentença do *Crátilo*, teria formulado sua própria versão da imagem do rio na *Metafísica* (1010a 13): “[Crátilo] censurava Heráclito por haver dito que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, pois ele acreditava que [não é possível entrar] nenhuma”. Além disso, Aristóteles (*Física*, 253b 9) teria tornado ainda mais explícito o que já estaria implícito em Platão, ao dizer que todas as coisas estão em movimento o tempo todo, ainda que isso escape à nossa percepção. Para Kirk, essa leitura aristotélica seria implausível, pois seria incongruente com o fato de Heráclito valorizar a percepção sensível, e com o fato de a percepção sensível nos dizer que as coisas não estão mudando a todo instante.

Na interpretação de Kirk, Heráclito admitia que havia mudança no mundo, mas não acreditava mais do que seus predecessores que tudo muda (e Platão, por sua vez, teria mostrado saber bem disso quando, no *Teeteto*, atribuiu a doutrina do fluxo a uma série de pensadores e poetas, e não somente a Heráclito).

⁷ Cf. K. Reinhardt, *Parmenides und die Geschichte der griechischen Philosophie* (Bonn, 1916), p. 206-207 *apud* L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 13; G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 370; M. Marcovich, *Heraclitus* (Mérica, 1967), p. 213, *apud* L. Tarán (*idem*).

⁸ ΣΩ. – Λέγει που Ἡράκλειτος ὅτι “πάντα χωρεῖ καὶ οὐδὲν μένει,” καὶ ποταμοῦ ῥοῆ ἀπεικάζων τὰ ὄντα λέγει ὡς “δις ἑς τὸν αὐτὸν ποταμὸν οὐκ ἂν ἐμβαίης.” (*Crátilo*, 402a).

Desse modo, não haveria por que afirmar que Heráclito elaborou algo como uma doutrina do fluxo.⁹

Heráclito diria que a maior parte dos casos de mudança poderia ser resolvida em mudanças ou “guerras” entre opostos. Ainda que nenhum dos opostos pudesse “vencer a guerra” e estabelecer uma dominação permanente, deveria haver pausas temporárias e localizadas no “campo de batalha”, bem como imobilizações provisórias produzidas pelo equilíbrio das forças em oposição. Por isso, Kirk afirma que Heráclito deve ter admitido que a estabilidade temporária fosse encontrada no cosmo. Assim, embora todas as coisas devam mudar ocasionalmente, elas são evidentemente estáveis em alguns momentos. Que os fragmentos certamente genuínos de Heráclito sugiram que uma pedra ou uma montanha, por exemplo, estão invariavelmente sofrendo mudanças é uma idéia que Kirk nega e critica. Pois, para ele, Heráclito achava que as coisas mudavam, até poderia achar que elas sofrem mudanças invisíveis, mas jamais concordaria que essas mudanças são constantes e contínuas. Platão, portanto, poderia ter sido enganado pelo exagero produzido pelos heraclíticos acerca da visão de Heráclito sobre a mudança ocasional das coisas.

Nos fragmentos certamente genuínos, diz Kirk, há muitas evidências de que Heráclito não apenas não negou a estabilidade nas coisas e no mundo, como, ao contrário, quis sobretudo afirmar tal estabilidade. Heráclito teria dado ênfase ao repouso na mudança, e não à mudança na aparente estabilidade. Ao contrário do que ocorre com o fragmento 91, a forma do fragmento 12 seria heraclítica, pois ali a menção “aos que entram nos *mesmos* rios” mostraria que não é o fluxo perpétuo que deve ser enfatizado. A imagem do rio, não em sua feição platônica, e sim em sua forma heraclítica, ilustraria, na verdade, a medida que deve ser inerente às mudanças em larga escala, isto é, a regularidade do fluxo e da reposição das águas que correm no rio, e sua ênfase estaria na preservação da identidade e do nome do rio, a despeito da mudança de suas partes.¹⁰

⁹ Neste ponto, Kirk concorda inteiramente com K. Reinhardt, “Heraklits Lehre von Feuer”, *Hermes*, 77, 1942, p. 18, *apud* G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 370.

¹⁰ Vale notar que Marcovich, se de um lado concorda com Reinhardt e Kirk que a ênfase fragmento 12 não está no fluxo constante, de outro discorda deles, ao afirmar que a ênfase não está tampouco na medida e estabilidade inerentes à mudança. Para ele, o fragmento 12 é só mais um

Mas Kirk não acha que Platão compreendeu inteiramente mal o pensamento de Heráclito em geral (o que ficaria claro na boa leitura presente no *Sofista*, 242d-e) ou mesmo a aplicação dos enunciados do rio. Ao crer que esses enunciados não eram observações isoladas sobre o comportamento dos rios, e sim uma ilustração ou exemplo que dizia respeito ao comportamento de muito mais coisas, Platão estaria certo. Mas o que Heráclito queria ilustrar nos enunciados do rio não era a mudança constante das coisas individuais, e sim a estabilidade do rio (e de muitas outras coisas) como um todo, e a coincidência dessa estabilidade com o fluxo das suas águas (ou partes). O grande problema da interpretação platônica, portanto, seria enfatizar o elemento errado: o fluxo e a mudança.

Em suma, como podemos ver, Platão recebeu uma série de críticas e foi acusado de ter cometido muitos erros por um grupo de comentadores modernos de Heráclito: ele teria atribuído equivocadamente a Heráclito uma doutrina do fluxo; teria exagerado a visão de Heráclito sobre a mudança, interpretando-a erroneamente como uma defesa do fluxo ininterrupto; teria parafraseado e criado, mas não citado, o dito “não se entra duas vezes no mesmo rio” e a designação *panta rei*, imputando-as depois a Heráclito; teria cometido um erro de ênfase em sua leitura da imagem do rio, ao destacar a mudança em lugar da estabilidade e da medida.

5.3

O debate sobre a origem e o significado dos fragmentos do rio

Como vimos, Kirk, Reinhardt e Marcovich concordam tanto em não considerar o fragmento 91 autêntico quanto em considerar o fragmento 12 genuíno. Começamos então a tratar da discussão sobre a autenticidade e o significado do fragmento 12, que, vale lembrar, diz: “Aos que entram nos mesmos rios afluem outras e outras águas; e as almas exalam do úmido”. O texto que Diels incluiu como fragmento 12 vem de Eusébio, que está citando Ário Dídimos. Ário,

exemplo de unidade dos opostos, o que ficaria evidente na oposição entre “mesmos” e “outras”. Cf. M. Marcovich, *Heraclitus* (op. cit.), p. 213, *apud* L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 33.

por sua vez, está dando ou uma citação ou um relato indireto de Cleantes, que teria dito que Zenão descreveu a alma como uma exalação percipiente, o que concordaria com a descrição dada por Heráclito, que Cleantes então cita. Segue o fragmento 12 em seu contexto:

Ao tratar da alma, Cleantes, expondo as doutrinas de Zenão para compará-lo com os demais filósofos da natureza, afirma que Zenão diz que a alma é uma exalação perceptível, tal como Heráclito [diz]. Pois [Heráclito], querendo mostrar que as almas, ao serem exaladas, se tornam sempre novas, comparou-as aos rios, dizendo o seguinte: “Aos que entram nos mesmos rios, afluem outras e outras águas”, e “as almas exalam do úmido”. Zenão, então, tal como Heráclito, mostra que a alma é uma exalação, e diz que ela é perceptiva pela seguinte razão: porque sua parte principal é suscetível tanto de ser modificada por realidades externas através dos órgãos dos sentidos quanto de receber impressões. Essas de fato são propriedades peculiares à alma.¹¹

O contexto do fragmento 12 fala claramente de almas, e não de vapores. E o que temos é uma citação ou uma paráfrase de certos enunciados de Heráclito por Cleantes, que quis provar a partir deles que Heráclito tinha uma doutrina da alma similar à de Zenão. Não há dúvida de que Cleantes quis oferecer uma citação de Heráclito, mas não é fácil decidir até onde essa citação se estende. A grande maioria dos estudiosos aceitou a primeira parte do texto (“aos que entram nos mesmos rios afluem outras e outras águas”) como uma citação direta de Heráclito. Aliás, este é o fragmento do rio cuja aceitação é a mais disseminada, sendo quase unânime. Mas tem havido desacordo sobre a segunda parte (“e as almas exalam do úmido”), e sobre se as duas partes vêm do mesmo contexto em Heráclito.

Cleantes começa interpretando o que ele vai citar, supondo que a referência de Heráclito aos rios é uma metáfora para “almas”. À primeira vista parece que Cleantes quis atribuir a Heráclito a concepção de alma como exalação

¹¹ Eusébio, *Preparação Evangélica*, XV, 20, 2, *apud* L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 22.

perceptiva, vendo aí a semelhança com a doutrina de Zenão. Mas nas citações, ele mostra que a similaridade consiste somente na concepção da alma como exalação. Depois das citações, ele também restringe a similaridade entre Zenão e Heráclito à exalação, e em seguida parece discutir o poder perceptivo da alma somente de acordo com Zenão. Neste fragmento e em seu contexto, então, o que se encontra com certeza é a noção de Cleantes de que a alma, para Heráclito, é uma exalação.

Mas, o que muitos perguntam é por que o fragmento do rio está sendo citado também nesse contexto. Pois, na sentença dos rios nada é dito sobre almas, nem há qualquer comparação implicada. E não há nenhuma conexão óbvia entre rios e almas. Ainda assim, muitos comentadores de Heráclito acharam que as duas partes vêm originalmente de um contexto psicológico, que esse contexto esclarece a ligação entre elas, e que então a primeira deve ser interpretada num sentido psicológico.¹² Outros sugeriram acrescentar palavras à segunda sentença, para tentar estabelecer uma ligação entre as duas.¹³ Finalmente, muitos pensaram, ou que a última sentença (“e as almas exalam do úmido”) é uma citação livre, ou que as duas sentenças são fragmentos separados que não têm nada a ver um com o outro.¹⁴

Kirk, por exemplo, analisa o vocabulário e outros aspectos lingüísticos desse fragmento, e prefere não aceitar a segunda parte da citação: nela, ao contrário da primeira, não haveria nenhum jonicismo, e estranhamente apareceria o verbo *anathymiôntai*, que nessa forma composta não teria figurado em nenhum outro lugar antes de Aristóteles. Já as palavras da sentença do rio parecem ser, aos seus olhos, suficientemente genuínas: os dativos plurais jônicos *oîsi*, o uso consistente do *n* eufônico, a repetição arcaica de *hêtera*, o ritmo e o fraseado da sentença sugeririam que essas são palavras originais de Heráclito.

¹² Este é o caso, por exemplo, de K. Reinhardt, *Parmenides und die Geschichte der griechischen Philosophie* (op. cit.), *apud* L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 24.

¹³ Por exemplo, Capelle e Gomperz, *apud* G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 369. Diels sugeriu uma solução parecida ao propor uma correção, e não um acréscimo (ele afirmou que *noerai* poderia ser uma corrupção de *heterai*).

¹⁴ Por exemplo, Marcovich e Kirk pensam que a segunda sentença é uma paráfrase, e não uma citação literal de Heráclito.

Os autores que rejeitam a segunda sentença ou que negam que as duas sentenças faziam parte de um mesmo contexto em Heráclito concluem que o contexto psicológico da citação, em Eusébio, não fornece informação confiável sobre o contexto original da sentença do rio que compõe esse fragmento. Surge, então a questão: qual é o contexto original do fragmento 12 no livro de Heráclito? É o de sua doutrina da mudança tal como ela é apresentada, por exemplo, no *Crátilo* (402a)? É o de sua doutrina da unidade dos opostos? É outro ainda?

Para Reinhardt, a sentença do rio no fragmento 12 é uma imagem com a qual Heráclito ilustra sua doutrina do balanço e da constância na mudança.¹⁵ No caso dos rios, ainda que as águas fluam ininterruptamente, os próprios rios permanecem os mesmos, assim como a quantidade de águas no universo também permanece a mesma. Reinhardt simplesmente admite que o fragmento 12 pertence ao contexto geral do 31, em que massas cósmicas de fogo, água etc. estão sempre se transformando umas nas outras, enquanto a totalidade dessas massas permanece em equilíbrio.

Kirk aceita quase inteiramente a interpretação de Reinhardt, mas argumenta a favor do papel do observador (dos que entram nos rios). Para ele, o fragmento 12 (que se resume à sentença do rio) enfatiza as duas características opostas dos rios: sua identidade e a mudança das águas que passam por um observador. Todavia, ele crê que o fragmento não seria meramente um exemplo da coincidência dos opostos, mas também, como vimos, de um tipo de identidade que persiste através da mudança. E, alegando que nem toda mudança preserva essa identidade, ele afirma que uma qualidade dos rios é relevante: é porque as águas fluem regularmente e se repõem em quantidades balanceadas que a sua identidade é preservada. Para Kirk, a repetição de “outras e outras” (*hétera kai hétera*) sugere fortemente a regularidade desse fluxo. Vale observar que muitas foram as críticas dirigidas a essa leitura de Reinhardt e Kirk. Primeiro, não deveria ter escapado a Heráclito a observação de que o fluxo das águas nos rios não é sempre, nem na maioria das vezes, uniforme. Além disso, a repetição “outras e outras” dificilmente teria o sentido de regularidade ou de uniformidade. Por

¹⁵ Cf. K. Reinhardt, *Parmenides und die Geschichte der griechischen Philosophie* (op. cit.), apud L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 30.

consequente, nada nesse fragmento estaria sugerindo o contexto geral dos fragmentos 31 e 30 (de mudanças cósmicas com medida).¹⁶

Muitas outras são as interpretações da sentença do rio no fragmento 12, e diversas são as opiniões sobre o contexto ao qual ela pertence na obra de Heráclito.¹⁷ Entretanto, a quase totalidade dos editores e comentadores de Heráclito concorda que essa sentença não apenas reflete mais ou menos literalmente idéias heraclíticas, e sim constitui o único enunciado do rio cujas palavras são sem dúvida de Heráclito. Mas o mesmo já não acontece com um outro enunciado do rio, o fragmento 49a. Muito embora diversos intérpretes o tenham aceitado, ele recebeu muitas objeções quanto à sua autenticidade.¹⁸

O fragmento 49a possui duas versões bastante diferentes. A versão de Heráclito Homérico, como já vimos, é: “Nos mesmos rios, entramos e não entramos, somos e não somos” (*potamoís toís autoís embaínomén te kai ouk embaínomen, eímén te kai ouk eímen*). A versão de Sêneca é: “Entramos e não entramos duas vezes no mesmo rio” (*In idem flumen bis descendimus et non descendimus*). Heráclito Homérico usa o plural “rios”, e Sêneca usa o singular. Além disso, Sêneca não diz nada que corresponda ao “somos e não somos”. Finalmente, Sêneca fala em “duas vezes”, e o autor grego não.

¹⁶ Cf. L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 31-32.

¹⁷ Por exemplo, Tarán segue uma outra linha de leitura, sugerida por Cherniss, para quem o sentido de *embaínousin* era significar literalmente um plural: mais de uma pessoa. O significado do fragmento 12 seria, então: para várias pessoas que entram nos mesmos rios, águas diferentes fluem. Quaisquer pessoas que entrassem em quaisquer rios teriam a mesma experiência: embora estando nos mesmos rios, elas veriam que cada uma toca outras e outras águas. O contexto estaria relacionado com os fragmentos 2 e 89: o cosmos é comum, mas a maioria das pessoas erra a respeito das implicações de sua experiência, tratando seu próprio mundo como um mundo separado e privado. Cf. L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 35.

¹⁸ O fragmento 49a é considerado autêntico por Bywater, Diels, Kranz, Zeller, Nestle, Snell, Vlastos e Bollack-Wismann, entre outros. Foi rejeitado por Kirk e Marcovich, e também por Kahn e Tarán. Cf. I. Bywater, *Heracliti Ephesii Reliquiae* (1877), *apud* C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 339, n. 431; H. Diels e W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (op. cit.); E. Zeller e W. Nestle, *Die Philosophie der Griechen I* (6ª ed., 1920), *apud* G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 373; B. Snell, “Die Sprache Heraklits”, *Hermes* 61 (1926), *apud* C. H. Kahn (*idem*); G. Vlastos, “On Heraclitus”, *American Journal of Philology*, LXXVI (1955), p. 21; J. Bollack e H. Wismann, *Héraclite ou la Séparation* (op. cit.); G. S. Kirk (*idem*), p. 373; M. Marcovich, *Heraclitus* (op. cit.), p. 213, *apud* L. Tarán (*idem*), p. 13.

O fragmento grego vem de um escrito estóico do séc. I d.C., uma defesa de Homero contra Platão e Epicuro que busca derivar as doutrinas platônicas, aristotélicas e estóicas de Homero. Sêneca, por sua vez, está expondo a Lucílio, no contexto de sua citação, os seis modos de existência. Ele identifica a quinta classe como a das coisas que existem no sentido usual da palavra, como homem e castelo. Imediatamente depois ele mantém que essa classe de coisas, incluindo nós mesmos, está em fluxo.

Entre os comentadores que viram problemas nesse fragmento, muitos argumentaram que ele não é nem original nem independente nas suas duas versões, exatamente pelo fato de ambas parecerem ser fruto de uma derivação ou mescla dos outros fragmentos do rio. Para começar, uma comparação da primeira parte da versão grega de 49a (*potamoís toís autoís embainomén*) com o fragmento 12 (*potamoîsi toîsin autoîsin embainousin*) mostra que é muito provável que o 49a seja o mesmo fragmento (numa versão diferente) que o 12. Além disso, alega-se que as citações de Heráclito Homérico em geral não são muito acuradas. Por sua vez, a inclusão que Sêneca faz de *bis* (“duas vezes”) parece ser o resultado da mistura com alguma versão do fragmento 91. E há também a questão do “somos e não somos”, que ocorre na versão grega, mas não na latina.

Kirk não aceita o fragmento 49a alegando em primeiro lugar, contra a versão de Heráclito Homérico, que é absurdo pensar que em qualquer tipo de grego o predicado poderia ser inteiramente omitido depois de um *eînai* copulativo.¹⁹ A frase (*eîmén te kai ouk eîmen*) significaria então “existimos e não existimos”, e como tal não deveria ser aceita como originária de Heráclito. Essa era já uma objeção de Gigon,²⁰ com quem Kirk também concorda em pontos relativos à outra sentença do fragmento (“nos mesmos rios entramos e não entramos”): se a frase *eîmén te kai ouk eîmen* fosse rejeitada, “entramos e não entramos” poderia se referir a uma mudança não em nós, e sim nos rios. Mas

¹⁹ Muitas críticas foram dirigidas às objeções formuladas por Kirk para rejeitar o fragmento 49a. Para a crítica a essa sua afirmação de que, em grego, o predicado nunca poderia ser inteiramente omitido depois de um *eînai* copulativo, lê-se com proveito o trabalho de C. H. Kahn, *Sobre o Verbo Ser e o Conceito de Ser* (op. cit.), e o artigo de Irley Franco, “A Realidade do Mundo Físico na Filosofia de Platão” (op. cit.), p. 97-99.

²⁰ Cf. O. Gigon, *Untersuchungen zu Heraklit* (Leipzig, 1935), p. 106, *apud* G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 373.

mesmo a mudança nos rios não seria o que Heráclito afirmaria. E muito menos que *em todo e qualquer momento* os rios são os mesmos e não os mesmos, o que, segundo Kirk, corresponderia à crença atribuída por Aristóteles a Crátilo, e não a Heráclito. Quanto à versão de Sêneca, Kirk também a rejeita, por crer que ela é semelhante demais ao fragmento 91, que ele considera ser uma paráfrase originalmente platônica do 12.

As similaridades entre os fragmentos 12 e 49a levaram alguns a concluir que ambos são autênticos e devem pertencer ao mesmo contexto, mas levaram outros a recusar um deles. Com exceção de Vlastos, a maioria dos estudiosos que pensam que esses fragmentos não podem ser ambos autênticos concluiu que 49a é espúrio. Kirk, como vimos, recusa o fragmento 49a, e crê que a única versão autenticamente heraclítica da imagem do rio é o fragmento 12. Essa versão, segundo ele, enfatiza a identidade do rio, e não sua mudança, e é exatamente essa ênfase fundamental o que se perde nas versões de Platão, Aristóteles e Plutarco, ou seja, no que conhecemos como fragmento 91.

A passagem do *Crátilo* (402a) na qual aparece a versão platônica do fragmento 91 diz: “Heráclito, eu creio, diz que tudo flui e nada permanece, e comparando o que é à corrente de um rio, conclui que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” (*légei pou Herákleitós hótí pánta choreí kai oudèn ménei, kai potamou roeí apekádzon tà ónta légei hos dis es tòn autòn potamòn ouk àn embaies*). Muitos estudiosos entendem o *légei pou* inicial como se significasse “em algum lugar”. Outros, entretanto, consideraram que este *pou* cumpre a função de suavizar a asserção principal; ele seria equivalente à expressão “eu creio” ou a qualquer outra expressão que desempenhasse o mesmo papel: o de sugerir que a sentença seguinte não é uma citação *verbatim*. Nesse sentido, o que estaria sendo indicado por Platão é que o enunciado “tudo flui e nada permanece” não deve ser considerado uma citação literal de Heráclito.

Porém, depois de afirmar que Heráclito comparou o que é (*tà ónta*) à corrente de um rio, Platão repete o verbo *légei*, dessa vez sem nenhum suavizador, e em seguida apresenta a sentença “não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Para alguns, então, parece que Platão realmente quis que essas últimas palavras

fossem tomadas como uma citação direta de Heráclito.²¹ Para outros, toda a passagem do *Crátilo* está sendo apresentada como se não fosse *verbatim*, e por essa razão seria possível suspeitar imediatamente de sua autenticidade.²²

Kirk, quando recusa a autenticidade da versão platônica do enunciado do rio, não apresenta, no entanto, argumentos baseados na análise lingüística. Seu ponto de partida são os argumentos contrários à atribuição, a Heráclito, da tese do fluxo envolvida nesse enunciado. Pois, como, para ele, esse enunciado só pode ser lido como a afirmação de que todas as coisas individuais mudam constantemente como os rios, sem possuir nenhuma estabilidade, ele lhe parece absolutamente incompatível com o pensamento de Heráclito sobre o fluxo. De acordo com Kirk, então, a passagem do *Crátilo* que contém o enunciado do rio é uma clara paráfrase do único fragmento genuíno do rio, o fragmento 12.

Platão, segundo Kirk, teria tomado o fragmento 12 como se dissesse que tudo flui e nada permanece. Essa sua interpretação do fluxo também teria sido elaborada no *Teeteto* (182a), onde a idéia de que “tudo se move sempre com todo tipo de movimento” (*pánta dè pâsan kînesin aei kineítai*) é atribuída aos heraclíticos. Tendo entendido mal a ênfase do fragmento 12, e sendo alguém que não tem interesse na abordagem histórica exata de seus predecessores, Platão teria feito o fragmento 12 levar à sua paráfrase (fragmento 91) e à fórmula *panta reî*.

Como vimos, a passagem da *Metafísica* (1010a 13) na qual aparece a versão aristotélica do fragmento 91 diz: “[Crátilo] censurava Heráclito por haver dito que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, pois ele acreditava que [não é possível entrar] nenhuma” (*Herakleítoi epetíma eipónti hóti dis toî autoî potamoî ouk éstin embênai autoî gàr oíeto oud'hápacs*). Contra a autenticidade da versão aristotélica do fragmento 91 Kirk argumenta, em primeiro lugar, que ela é muito similar à de Platão. Ela difere somente pelo uso do dativo simples (*toî autoî potamoî*) em vez de *es*, e de *ouk éstin* com o infinitivo em lugar do optativo

²¹ Cf., por exemplo, L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 48.

²² Kahn, por exemplo, defende que Platão não oferece uma citação das palavras exatas de Heráclito. Mas ele afirma também que, mesmo que o enunciado do rio pareça ser mais uma paráfrase do que uma citação, ele parece remontar de fato a Heráclito. Cf. C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 168.

potencial na segunda pessoa do singular (*embaíes*). Embora observe que essa construção potencial é paralela à do fragmento 45, e que, tal como Vlastos sustenta,²³ é possível que a construção potencial e o *dis* pertençam à forma original do fragmento do rio, Kirk crê que é mais provável que tanto a versão platônica quanto a aristotélica sejam paráfrases do fragmento 12. Aristóteles estaria seguindo bem de perto a paráfrase de Platão, o que seria indicado por Plutarco, que em diferentes lugares reproduz tanto a versão platônica quanto a aristotélica, além de combiná-las com uma versão das palavras finais do fragmento 12.

Ao observar que Aristóteles diz na *Física* (253b 9), se referindo aos heraclíticos e presumivelmente a Heráclito, que a mudança contínua escapa à nossa percepção, Kirk sustenta que o que Aristóteles está afirmando ali nada mais é que o desenvolvimento lógico da interpretação platônica do fluxo e da imagem do rio. Como Kirk crê que a afirmação de mudanças invisíveis por parte de Heráclito é bastante implausível, para ele essa passagem da *Física* de Aristóteles seria outro sinal da fraqueza da interpretação platônica, na qual Aristóteles estaria se baseando.

Também a versão de Plutarco para a imagem do rio, que aparece como fragmento 91 na edição de Diels e Kranz, recebe muitas objeções de Kirk quanto à sua autenticidade. Esse fragmento aparece em seu contexto da seguinte maneira:

Toda natureza mortal, estando entre o vir-a-ser e o deixar de ser, é como um fantasma, uma aparição nebulosa e incerta de si mesma. (...) pois, segundo Heráclito, não é possível entrar duas vezes no mesmo rio (*potamoí gàr ouk éstin embênai dis toí autô*), ou tocar duas vezes uma substância mortal numa condição fixa: mas, pela intensidade e rapidez da mudança, ela dispersa e outra vez reúne (*skídnesei kai pásin synágei*), ou melhor, nem “outra vez” nem “depois”, mas ao mesmo tempo ela reúne e dispersa (*synístatai kai apoleípei*), aproxima e afasta (*próseisi kai ápeisi*); portanto, o seu devir não termina em ser (...).

²³ Cf. G. Vlastos, “On Heraclitus” (op. cit.), p. 338-ss.

Em seu exame dessa passagem de Plutarco, Kirk começa afirmando categoricamente que é óbvio que a sentença do rio reproduz a versão aristotélica da paráfrase platônica do fragmento do rio, e não as palavras originais de Heráclito. De fato, a similaridade entre a versão aristotélica (*dīs toî autoî potamoî ouk éstin embênai*) e a de Plutarco (*potamoî gâr ouk éstin embênai dīs toî autô*), é muito grande. Por outro lado, para Kirk, essa passagem apresenta três pares de verbos (*skídnēsi kai synágei, synístatai kai apoleípei, próseisi kai ápeisi*) que não têm a maneira de Plutarco e cuja fonte deve ser Heráclito. Segundo ele, seria razoável supor, tanto pela natureza dos próprios verbos, quanto pelo seu contexto, que eles se referem ao comportamento das águas num rio. Que Plutarco faça com que eles descrevam o comportamento de “toda substância mortal” não constituiria nenhum impedimento, por estar claro que ele aceita o rio de Heráclito como uma metáfora para toda a existência.

Kirk então entende que o fragmento 91 não consiste nem engloba o enunciado do rio, e sim se constitui como uma seqüência de verbos contrastantes, que sugeririam acúmulo e dispersão, provavelmente descrevendo o simultâneo fluir das águas para perto e para longe de um ponto fixo qualquer no rio. Supondo que esses verbos poderiam pertencer ao fragmento 12, Kirk finalmente sugere que Plutarco estaria aqui acrescentando, à sua paráfrase da versão aristotélica do enunciado do rio, uma paráfrase do fragmento 12.

Duas outras versões da imagem do rio aparecem em Plutarco, mas, segundo Kirk, ambas parecem não ser citações literais de Heráclito e remetem, via as paráfrases platônica e aristotélica, ao fragmento 12. Enquanto em *De E apud Delphos* (392b) Plutarco dá o fragmento 91 na forma que encontramos na *Metafísica* de Aristóteles, em *De Sera Numinis Vindicta* (15, 559c), onde se lê *potamòn (...) eis hón où phēsi dīs embênai*, ele mistura essa forma com o *eis* + acusativo que encontramos no *Crátilo*. Já em *Quaestiones Naturae* (912a), onde se lê *potamoîs gâr dīs toîs autoîs ouk àn embaíes (...) hétera gâr epirreî hýdata*, encontramos os plurais dativos *potamoîs* e *toîs autoîs* para “nos mesmos rios”, que Plutarco toma do fragmento 12, enquanto ao mesmo tempo ele parece pegar

emprestado o *ouk àn embaies* de Platão. Além disso, ele repete também o trecho *hètera gàr epirrei hýdata* do fragmento 12.

O que podemos ver, então, é que, segundo a argumentação de Kirk (corroborada em muitos pontos por Reinhardt, Marcovich e outros autores), o fragmento 12 é o único enunciado do rio original e independente. Ele não visa a afirmar ou enfatizar o *fluxo* e a *mudança* das águas do rio, e sim a *estabilidade e identidade* do rio apesar desse fluxo. Todas as versões e variantes do fragmento 91, por sua vez, teriam sido construídas, em última instância, com base na interpretação incorreta do fragmento 12 por Platão, e remontariam, portanto, antes à fórmula platônica *pánta rei* do que ao próprio Heráclito.²⁴

5.4

A hipótese da autenticidade e suas implicações

Para defender a hipótese da autenticidade do fragmento 91 e para buscar fazer justiça à leitura platônica de Heráclito, creio ser bom começar propondo duas questões: em primeiro lugar, será que Platão realmente atribuiu a Heráclito a doutrina do fluxo *ininterrupto e irrestrito* de todas as coisas? E, em segundo lugar, será que o fragmento 91, independentemente da versão e da interpretação platônicas, implica uma doutrina extrema como essa?

Como vimos no capítulo anterior, Platão, no *Teeteto*, examinou detidamente a doutrina do fluxo universal. Ao fazer isso, ele distinguiu Heráclito de seus adeptos extremados e atribuiu a estes, e não ao Efésio, a versão radical dessa doutrina. É razoável supor que, para Platão, Heráclito era o exemplo paradigmático da doutrina do fluxo universal. Platão via que, se essa doutrina não fosse limitada, mas, ao contrário, *fosse levada ao extremo*, ela se auto-refutaria.

²⁴ Reinhardt e Marcovich concordam com Kirk não apenas em alguns pontos de sua argumentação, mas também, especialmente, no conteúdo de sua conclusão: ambos também crêem que o fragmento 91 é simplesmente uma interpretação livre do fragmento 12. Cf. K. Reinhardt, *Parmenides und die Geschichte der griechischen Philosophie* (op. cit.), p. 207, *apud* Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 168, e Marcovich, *Heraclitus* (op. cit.), p. 206, *apud* Kahn (*idem*), p. 168.

Mas Platão não precisou nem criar essa radicalização da doutrina do fluxo, nem atribuí-la a Heráclito, pois tal radicalização já havia sido levada a cabo pelos heraclíticos. Nesse sentido, podemos afirmar que Platão fez uso dos ditos de Heráclito com vistas a mostrar que a doutrina heraclítica, *a não ser que limitada*, levaria a uma doutrina extrema, e extremamente problemática.

Outros diálogos, além do *Teeteto*, também podem ser mencionados para mostrar que Platão não acreditava realmente que Heráclito era um partidário da mudança universal extrema. Numa passagem do *Sofista* (242c-242e), é dito, com relação aos predecessores de Platão, que alguns ensinaram que o ser é múltiplo, enquanto outros ensinaram que o ser é uno. Depois deles, certas musas da Jônia e da Sicília perceberam que era mais seguro combinar as duas explicações e dizer que o ser é tanto múltiplo quanto uno. As musas jônicas (numa clara alusão a Heráclito) pensaram de forma mais precisa que as musas sicilianas, pois elas não ensinaram apenas a alternância de multiplicidade e unidade, e sim a simultaneidade do múltiplo e do uno, da dispersão e da unificação. Nessa passagem, Platão cita palavras de Heráclito, ao escrever: *diapherómenon gàr aei symphéretai*. Essa mesma frase é posta na boca de Erixímaco, no *Banquete* (187a): *diapherómenon autò autoi symphéresthai*.²⁵

Divergência e convergência, dispersão e unificação: essa abordagem platônica de Heráclito mostra que o Efésio é compreendido por Platão como um pensador das antíteses e como um defensor da identidade na diferença, da unidade na multiplicidade, do repouso no movimento, da estabilidade na mudança. Para Platão, a relação entre união e separação, convergência e divergência era vista por Heráclito não como uma relação de incompatibilidade, alternância ou exclusão recíproca, e sim como uma relação de unificação, simultaneidade e implicação

²⁵ Essa antinomia do convergente-divergente se repete em Heráclito nos fragmentos 8, 10 e 51. Fragmento 8: “O contrário é convergente e dos divergentes, a mais bela harmonia” (τὸ ἀντίξουν συμφέρον καὶ ἐκ τῶν διαφερόντων καλλίστην ἁρμονίαν). Fragmento 10: “Conjunções: completas e não-completas, convergente e divergente, consoante e dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas” (συλλάψεις: ὅλα καὶ οὐχ ὅλα, συμφερόμενον διαφερόμενον, συνᾶδον διᾶδον, καὶ ἐκ πάντων ἓν καὶ ἐξ ἑνὸς πάντα). Fragmento 51: “O divergente consigo mesmo concorda” (οὐ ξυνιάσιν ὅκως διαφερόμενον ἑωυτῷ ὁμολογέει). Vale notar que essa passagem do *Sofista* foi incluída na listagem dos testemunhos sobre Heráclito por Diels e Kranz (A 10).

mútua. O próprio Platão, então, dificilmente teria pensado que o fragmento 91 implicava necessariamente a doutrina do fluxo universal irrestrito.

Além dessas duas passagens, Kahn oferece outra, belíssima. Ao examinar o fragmento 12, ele propõe que ali pode estar sendo indicado que tanto os rios quanto os homens só permanecem os mesmos como um padrão ou uma estrutura imposta a um fluxo incessante, no qual a identidade e a forma unitária são mantidas, mas o material ou “recheio” é constantemente perdido e repostado.²⁶ Ele sugere, então, que Platão compreendeu e desenvolveu esse *insight* de Heráclito numa passagem do *Banquete* (207d), que diz:

A natureza mortal procura, na medida do possível, ser eterna e imortal. Mas, para atingir esse fim o único meio é a geração, com deixar sempre um ser novo no lugar do velho. Pois é nisso que se diz que cada animal vive e é o mesmo, assim como se diz que da infância à velhice um homem é o mesmo. Ele é dito o mesmo a despeito do fato de nunca conservar consigo o mesmo cabelo, a mesma carne, os mesmos ossos, o mesmo sangue, pois ele os perde e não cessa de se renovar; e não apenas no corpo, mas também na alma: os costumes, os caracteres, as opiniões, os prazeres, as tristezas, os temores, nada disso permanece o mesmo em ninguém, mas uns nascem e outros são perdidos.²⁷

Se tudo indica, então, que Platão não atribuiu a Heráclito um mobilismo extremado, vejamos se há como defender a hipótese, contrária à proposta por

²⁶ Cf. C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 167.

²⁷ ἔνταῦθα γὰρ τὸν αὐτὸν ἐκείνω λόγον ἢ θνητὴ φύσις ζητεῖ κατὰ τὸ δυνατόν αἰετὲ εἶναι καὶ ἀθάνατος. δύναται δὲ ταύτη μόνον, τῇ γενέσει, ὅτι αἰετὲ καταλείπει ἕτερον νέον ἀντὶ τοῦ παλαιοῦ, ἐπεὶ καὶ ἐν ᾧ ἕν ἕκαστον τῶν ζώων ζῆν καλεῖται καὶ εἶναι τὸ αὐτό—οἷον ἐκ παιδαρίου ὁ αὐτὸς λέγεται ἕως ἂν πρεσβύτης γένηται· οὗτος μέντοι οὐδέποτε τὰ αὐτὰ ἔχων ἐν αὐτῷ ὁμοῦς ὁ αὐτὸς καλεῖται, ἀλλὰ νέος αἰετὲ γινόμενος, τὰ δὲ ἀπολλύς, καὶ κατὰ τὰς τρίχας καὶ σάρκα καὶ ὅστ᾽ αἰ καὶ αἷμα καὶ σύμπαν τὸ σῶμα. καὶ μὴ ὅτι κατὰ τὸ σῶμα, ἀλλὰ καὶ κατὰ τὴν ψυχὴν οἱ τρόποι, τὰ ἦθη, δόξαι, ἐπιθυμίαι, ἡδοναί, λύπαι, φόβοι, τούτων ἕκαστα οὐδέποτε τὰ αὐτὰ πάρεστιν ἐκάστω, ἀλλὰ τὰ μὲν γίνονται, τὰ δὲ ἀπόλλυται (*Banquete*, 207d).

Kirk, de que o fragmento 91, com seu enunciado “não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”, não implica uma doutrina do fluxo irrestrito. Em primeiro lugar, não vejo razão para concordar com Kirk quando ele afirma que o fragmento 91 expressa clara e inevitavelmente a doutrina extrema do fluxo, pois este fragmento me parece ser compatível com a doutrina segundo a qual cada coisa individual muda e sofre transformações de acordo com certos padrões estáveis de mudança. Afinal, o que haveria nele que o tornaria tão obviamente incompatível com uma visão do fluxo com medida e padrão?

Concordo com Kahn quando ele diz que, ainda que o fragmento 91 pudesse levar a uma conclusão mais radical que o fragmento 12, os dois não seriam incompatíveis, e sim poderiam ser concebidos como se figurassem juntos. Talvez o fragmento 91 tenha sido desenhado para completar o 12: “visto que novas águas estão sempre fluindo nos rios, não é efetivamente possível entrar duas vezes no mesmo rio”. Ou, o que Kahn propõe como uma conexão mais plausível, talvez o fragmento 91 fosse enunciado antes, com o 12 seguindo como sua justificção: “não se pode entrar duas vezes no mesmo rio; pois, aos que entram em [o que se supõe serem os] mesmos rios, outras e outras águas afluem”.²⁸

Além disso, há uma razão que me faz crer que o fragmento 91 não apenas não implica a doutrina do fluxo universal extremo, como é incompatível com essa doutrina. Pois o fragmento certamente implica que alguém pode entrar ao menos uma vez num mesmo rio. E o que Aristóteles nos mostra é que esse é precisamente o ponto que Crátilo, partidário da versão extremada da doutrina, negou quando censurou Heráclito. Crátilo corrigiu o fragmento 91, justamente porque ele era, aos seus olhos, moderado demais, e afirmou em seu lugar que é impossível entrar sequer uma vez no mesmo rio.²⁹ Se o fragmento 91 fosse um enunciado tão mais radical do que o 12, a ponto de afirmar uma mudança universal irrestrita, era de se esperar que nele se encontrasse uma rejeição clara e completa da identidade, o que poderia ser condensado numa fala que enfatizasse que só há diferença e mudança. O testemunho aristotélico sobre Crátilo mostra que a *crítica* de Crátilo a Heráclito visava exatamente a fazer isso: afirmar

²⁸ Cf. C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 169.

²⁹ Aristóteles, *Metafísica*, 1010a 14-15.

unicamente a realidade da diferença, negando a realidade da identidade, que ainda era expressa no dito do Efésio.

Aristóteles nos mostra com clareza que também não acreditou que Heráclito tivesse levado a doutrina da mudança universal até a posição extrema defendida por Crátilo e outros heraclíticos. Ele, como vimos, afirmou que “a opinião mais extremada” é “a dos que afirmam que heraclitizam”, tal como “Crátilo, que, finalmente, cria que não se devia dizer nada, limitando-se a mover o dedo”.³⁰

Vemos, então, que Platão e Aristóteles não acreditaram que Heráclito fosse um mobilista extremado, e que o fragmento 91 não implica, por seu conteúdo, a atribuição a Heráclito de uma doutrina extrema do fluxo. Cabe agora argumentar explicitamente a favor da hipótese de que o fragmento 91, ainda que não pareça ser uma citação *verbatim* de Heráclito, remonta aos escritos do Efésio e deve ser considerado um fragmento autêntico e independente.

Vale observar que as análises, interpretações, argumentos e objeções de Reinhardt, Kirk, Marcovich, Kahn, Tarán, ou de qualquer outro comentador moderno de Heráclito, constituem explorações que nunca ultrapassam, e nem poderiam, o domínio da conjectura. Todas as afirmações sobre a autenticidade dos fragmentos polêmicos, cuja literalidade não é evidente e cujo caráter espúrio também não é óbvio, constituem hipóteses e tentativas, e não demonstrações definitivas. Alguns autores admitem mais explicitamente que outros que, nesse terreno, não estão pretendendo demonstrar propriamente suas teses. Seguirei de perto, na defesa da origem heraclítica do fragmento 91, argumentos propostos por Kahn e Tarán, que reconhecem expressamente o caráter conjectural de suas interpretações e afirmações.³¹

Vimos até agora que Crátilo, Platão e Aristóteles muito provavelmente conheceram o livro de Heráclito. Crátilo, porque tudo indica que ele não foi discípulo direto de Heráclito, e sim conheceu suas idéias por meio de seus escritos. Platão, porque conheceu Crátilo, porque se quisesse teria acesso ao livro

³⁰ Aristóteles, *Metafísica*, 1010a 10-13.

³¹ Cf. C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), e L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.).

de Heráclito, que circulava em Atenas na sua época, e porque muito dificilmente deixaria de buscar conhecer a fonte das idéias de um pensador que tanto o impressionara. Aristóteles, porque comenta na *Retórica* (1047b) a dificuldade de pontuar os escritos do Efésio, coisa que não poderia saber se não houvesse lido o seu livro.³²

Quando Crátilo corrige o fragmento 91, atesta que ele já era conhecido, no séc. V, como um dito de Heráclito. Platão, portanto, não poderia tê-lo criado, visto que ele já existia e já circulava. E, se o livro de Heráclito era disponível tanto para Platão quanto para Aristóteles, o fato de que ambos citam, ainda que não literalmente, o fragmento 91 atesta ainda mais fortemente que se tratava de um enunciado de Heráclito acessível e conhecido. Kahn observa que o fato de a citação do fragmento 91 presente no *Crátilo* não ser *verbatim* não impede que o enunciado remonte a Heráclito, nem implica que Platão estivesse equivocado em sua interpretação e paráfrase. Além disso, como podemos ver, tanto Crátilo quanto Aristóteles testemunham a favor de Platão no caso do fragmento 91, atestando que ele é um dito genuíno e independente de Heráclito. Desse ponto de vista, a suposição de Kirk e de outros autores, segundo a qual o fragmento 91 foi inventado por Platão com base no fragmento 12, parece ser pouco plausível, além de se revelar uma conjectura motivada principalmente por uma interpretação equivocada das implicações desse fragmento e da leitura platônica de Heráclito.³³

Platão sabia que, caso a tese da universalidade do fluxo e da mudança fosse levada ao extremo, como o foi por Crátilo e outros, ela poderia gerar uma negação absoluta da identidade e da estabilidade, levando a implicações absurdas. Mas ele viu também que o próprio Heráclito não levou sua doutrina da universalidade da mudança a esse extremo. Para sustentar essa visão de que a

³² Tarán observa que, mesmo sem uma leitura direta do livro de Heráclito, Aristóteles poderia conhecer, por meio de uma citação, um ou outro caso em que essa dificuldade de pontuação acontece. Mas, de todo modo, ele não poderia dizer que se tratava de uma característica de todo o escrito. Cf. L. Tarán, “Heraclitus: The River-Fragments and their Implications” (op. cit.), p. 39.

³³ Como escreve Irley Franco, “no estado em que se encontram as informações que nos dão acesso ao pensamento de Heráclito, isto é, na impossibilidade de uma leitura de fragmentos que fazendo sentido não seja puramente conjectural, não podemos supor que, mais do que Platão, esses comentadores tenham compreendido Heráclito, embora o próprio Heráclito não fosse muito otimista com relação à capacidade de compreensão de sua audiência original, como deixa transparecer em alguns de seus fragmentos”. Cf. I. Franco, “A Realidade do Mundo Físico em Platão” (op. cit.), p. 100.

doutrina do fluxo de Heráclito não é extremada, e sim inclui a idéia de que o movimento e a mudança implicam a permanência e a identidade e vice-versa, na medida em que há uma estrutura ou padrão estável de mudança, há evidências em muitos fragmentos, e Platão, como vimos, muito provavelmente os conhecia.³⁴ Platão, portanto, parece ter percebido que Heráclito enfatizou tanto a universalidade da mudança quanto a identidade da estrutura e dos padrões que se mantêm em meio ao fluxo e à mudança. Por isso, a essência da filosofia de Heráclito podia ser descrita por ele como a afirmação da identidade na diferença, da unidade na multiplicidade, da permanência na mudança, do repouso no movimento.

³⁴ No capítulo 1 desta tese, foram citados muitos fragmentos de Heráclito que tratam da universalidade da mudança, e da estrutura, padrão, medida e identidade inerentes à mudança. Segue uma listagem dos fragmentos que falam especialmente disso: fragmentos 1, 7, 10, 30, 31, 36, 50, 51, 53, 62, 76, 80, 84a, 88, 125, 126.